FERDINAND DE SAUSSURE

por
BRUNO MOLINA TURRA¹

bruno.m.turra@gmail.com

Um autor *a posteriori*

O *Curso de linguística geral* foi publicado em 1916, editado pelos linguistas Charles Bally e Albert Sechehaye e baseado nos cadernos dos alunos que assistiram aos cursos de linguística ministrados pelo professor Ferdinand de Saussure entre 1907 e 1911. Saussure não publicou um livro de linguística geral. É fato que se debruçou sobre a tarefa de redigir uma síntese de suas ideias, mas estas nunca vieram à luz pelas mãos de seu autor.

Num momento inicial após a publicação da obra,² sobretudo na França, pela pena de A. Meillet, a atribuição da autoria ao mestre genebrino foi questionada. O linguista francês escreve em seu *compte rendu* do CLG que os cursos de linguística “não foram destinados à prensa e que Saussure seguramente se recusaria a deixá-los serem publicados”³ (MEILLET, 1916, p. 32). No final da década de 1920, porém, o livro passava a figurar como grande obra linguística, pautando os trabalhos inicialmente do Círculo Linguístico de Praga e, posteriormente, de todo o campo de estudos da linguagem. É então na segunda metade da década de 1940 que o livro rompe a barreira da disciplina e passa a influenciar estudiosos de outras áreas, como a filosofia, a antropologia e a psicanálise. Nesse momento de expansão da influência do CLG para além do campo linguístico e do estabelecimento do estruturalismo como corrente filosófica, a autoria do CLG consolida-se sob o nome de Ferdinand de Saussure. São dessa época os epítetos de pai da linguística moderna e pai do estruturalismo.

Como nos aponta Milner (1994[2002], p. 18), o estruturalismo se desenvolve a partir do CLG, mas o estruturalismo não está no CLG. O que se desenvolve enquanto herança saussuriana se estabelece a partir de uma redução, da extração de um funcionamento mínimo do que é desenvolvido no livro de 1916. Para Chiss e Puech (1994), tal redução é constituída de cinco pontos fundamentais: “o primado da língua sobre a fala; a distinção rigorosa da diacronia e da sincronia; a concepção de língua/sistema e instituição; a dupla natureza do signo; e o arbitrário do signo e sua motivação por combinação sintagmática” (*ibid.*, p. 47).

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, membro convidado do GT Estudos saussurianos da ANPOLL.

² Para um aprofundamento nos movimentos de recepção do CLG, conferir Puech (2002, 2005); Faraco (2016).

³ As traduções dos textos em língua estrangeira são de minha autoria.

Essa espécie de pentálogo extraído do CLG – a vulgata saussuriana – o transforma num monumento erguido sobre a lápide do linguista morto em 1913. A posteriori, tal monumento confere ao nome Ferdinand de Saussure a função de pai totêmico da horda dos linguistas (CHISS; PUECH, 1994, TURRA, 2018; 2020⁴), nome sobre o qual se disputam filiações. Retomando Foucault (1969), Chiss e Puech (1994, p. 41) atribuem ao CLG e ao saussurismo que dele advém a construção de um domínio de memória, domínio em que enunciados “continuam a ser admitidos, explicitados, comentados e discutidos, a fim de definir um corpo de verdades e um domínio de validade”. Falar de Ferdinand de Saussure, portanto, é sempre falar das disputas de sentido em torno desse nome.

Quantos Saussure?

A fixidez com que se cristalizaram os sentidos em torno do nome de Ferdinand de Saussure a partir da segunda metade dos anos de 1940 sofre alguns golpes com o início de um movimento de publicação e análise de seus manuscritos. Entre meados da década de 1950 e início da década de 1970, uma filologia saussuriana é constituída. Robert Godel, no décimo segundo volume da revista *Cahiers Ferdinand de Saussure* (1954), inaugura o trabalho com os manuscritos saussurianos com a publicação de fragmentos consultados por A. Sechehaye para a elaboração do CLG. Nos anos seguintes, com a doação dos manuscritos saussurianos por seus filhos à Bibliothèque Publique Universitaire, BPU (atual Bibliothèque de Genève, BGE), publicam-se as três grandes obras que comporão o cânone do trabalho com os manuscritos, são eles: *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure* (GODEL, 1957), *Notizie biografiche e critiche su F. de Saussure* (DE MAURO, 1967)⁵ e *Cours de linguistique générale – édition critique* (ENGLER, 1968 - tomo 1; 1974 – tomo 2).

A partir do estabelecimento dessa substancial fortuna crítica, aumentam os estudos comparativos entre o livro de 1916 e os manuscritos deixados pelo linguista genebrino. Com isso, intensifica-se um modo de leitura que toma Bally e Sechehaye como detratores das palavras do mestre e que a compreensão de um suposto “verdadeiro” Saussure deveria fiar-se aos manuscritos, abandonando, assim, o CLG.⁶ Esse movimento ganhou novo fôlego com a descoberta de novos manuscritos, em 1996, publicados por Bouquet e Engler (2002) sob o nome de *Escritos de linguística geral*. O monolítico Saussure do CLG parte-se, sob uma certa leitura, em dois: o verdadeiro, dos manuscritos, e o falso, do CLG. Tal leitura, ao se concentrar nos deslocamentos produzidos pelos editores na elaboração do CLG, silencia os desdobramentos teóricos que o CLG (e não os manuscritos) propiciou à linguística. Nesse sentido, sigo a leitura de Trabant (2005) de que os equívocos produzidos pelos editores não invalidam os efeitos e o alcance que o CLG produziu. Ao contrário, é seguindo os movimentos dos editores (SILVEIRA, 2007) que se pode dizer algo do que se transmitiu do pensamento saussuriano. Assim, se houve um gesto fundacional da linguística moderna, deste não se pode excluir as figuras de Bally e Sechehaye. Essa leitura que faz circular os textos, em oposição àquelas que excluem o CLG, são desenvolvidas, por exemplo, por Normand (2000) e Gadet (1987) bem como

⁴ No prelo.

⁵ Os textos de De Mauro foram traduzidos para o francês por Calvet e são publicados na edição da Payot do CLG desde 1972.

⁶ Em trabalho recente (TURRA, 2020), analisei os movimentos dos editores no que diz respeito à noção de escrita presente no CLG a partir de uma leitura em relação (e não em oposição) aos manuscritos.

por grande parte dos estudiosos do saussurianismo no Brasil (cf. FIORIN, FLORES, BARBISAN, 2013; FARACO, 2016).

Outra cisão impingida à imagem do Saussure do CLG produz-se com a publicação de um estudo sobre o trabalho do mestre com os anagramas nos poemas latinos. A obra *As palavras sob as palavras – os anagramas de F. de Saussure*,⁷ de Jean Starobinski, em 1971, traz à luz a extensa e minuciosa análise de versos saturninos em busca de uma regularidade composicional de ordem fônica. Os anagramas seriam palavras-tema dispersas nos versos que dela tratavam como, por exemplo, o verso saturnino “*Taurasia Cisauna Samnio cēpit*” que contém o nome de Scipio como anagrama (cī + pi + io). Haveria, então, para Saussure, “um discurso sob o discurso” (STAROBINSKI, 1971[1974], p. 55).

Como relata Testenoire (2014), a publicação dos estudos anagramáticos por Starobinski impacta de forma decisiva a intelectualidade francesa nas décadas de 1960 a 1980 e de forma mais radical os pensadores das áreas conexas como a filosofia, a literatura e a psicanálise do que propriamente a linguística. De saída, duas leituras se constituíram: uma que atribuía aos novos textos uma segunda revolução saussuriana e outra que via nesses textos apenas uma pesquisa equivocada. Em ambas leituras, a imagem de Saussure é cindida: o Saussure do CLG e o Saussure dos anagramas, figuras irreconciliáveis. “Dois Saussure” foi o título do colóquio sediado em Nova York, em 1974, e que de certa forma sedimentou essa divisão. Estabeleceu-se, assim, um Saussure diurno, da ciência, da razão em oposição a um Saussure noturno, da poesia e da loucura (os textos oriundos do colóquio o atestam: “*Flagrant délire*”, “*Le complexe de Saussure*”, de Lotringer; e “*Le schizophrène et la question du signe*”, de Irigaray). Para Lotringer (1974, p. 10), em seu texto de abertura, o flagrante delírio⁸ saussuriano constitui dois polos: “De um lado, uma fixação substancial (‘as intenções anagramáticas do poeta’), de outro, a generalização do *Curso* (o sistema). Os dois polos teológico e científico se submetem já à réplica, [...] eclipsando a economia significativa pela qual a língua era julgada.”

A leitura dicotomizada de Saussure produziu seus efeitos: para Calvet (1975) devia-se afastar do Saussure da língua (o do CLG) em direção ao Saussure da fala (o dos anagramas). Para o sociolinguista, há uma falha, uma fratura entre o

homem-Saussure e a imagem-Saussure, fratura que separa a dúvida constante do pesquisador-sonhador da certeza dos textos definitivos e fechados: o nascimento da ortodoxia. A ironia da história quis, de um lado, que uma certa ciência denominada linguística nascesse sobre uma das bordas dessa fratura (*o Curso de linguística geral*) e, de outro lado, que essa ciência estivesse em contradição total com o que se desenvolveu na outra borda (1975, p.139-140).

A “outra borda” eclipsada pelo CLG e que ganha fôlego com os anagramas se sustenta na oposição a três pontos principais: i. a linearidade (os anagramas apontariam para uma outra temporalidade que não aquela da consecutividade expressa no CLG); ii.

⁷ O livro de Starobinski, como explica o autor na introdução, é uma coletânea atualizada de textos publicados entre 1964 e 1970 sobre o tema.

⁸ O autor joga com a homofonia de *délire* [delírio] e *dé-lire* [algo como “desler”].

o signo (os “textos noturnos” expõem um desmembramento do signo tal como apresentado no CLG uma vez que os anagramas se constituem de sua fragmentação); e iii. o sujeito (partindo de uma leitura que afirma que o sujeito foi excluído do CLG, os estudos anagramáticos mostrariam na irrupção das palavras-tema algo da ordem de um sujeito).⁹

Para Milner (1978[2012]), o signo, tal como apresentado no CLG, sucumbe diante do que Saussure vislumbra com os anagramas por um excesso de língua, por algo da ordem do real (da homofonia) que se impõe ao linguista à revelia da arbitrariedade formalizada no CLG. Não há, entretanto, ruptura entre um Saussure sábio e outro louco, antes,

sua loucura, na verdade, não começa nos anagramas, ela já está no Cours - é o mesmo movimento que o conduz a querer sustentar, através do diferencial, o Um no seio dos equívocos sonoros do verso latino e no seio de toda língua possível. O Cours, reconhecido pelos universitários, e as folhas de poética, ignoradas por eles, proferem a mesma frase - aquela que, sem dúvida, articulava o desejo de Saussure -: o Um que marca as línguas vem de outro lugar (*ibid.*, p. 106-107).

Tanto o CLG quanto os anagramas atestam a negatividade do significante. O que fica claro com os versos saturninos e que retroativamente se pode ler no CLG, como o faz Milner, é o fato de o Um, o ponto de amarração do sentido, se produzir naquilo que a língua excede de si mesma, naquilo que Lacan (1971-72[2011]) chamou de *lalíngua*.

Nesse mesmo sentido, em 1981, Gadet e Pêcheux se detêm sobre a questão dos dois Saussure e lá onde se via ruptura, propõem um ponto de articulação, a teoria do valor:

Para nós, o saussurianismo não se divide assim [um Saussure oposto ao outro]: o que faz aqui irrupção na linguística (e que nela fica parcialmente entravado) refere-se precisamente à relação entre o diurno e o noturno, entre a ciência e a poesia (ou até a loucura). O que só pode ser concebível retomando-se as duas faces da obra saussuriana sob o domínio do conceito de valor (1981, p. 57).

É portanto sob a égide do valor que se produz uma leitura não mais disjuntiva de Saussure, mas que se constitui na relação estabelecida entre esses dois supostos polos, uma vez que “o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da própria língua” (*ibid.*, p. 58).

Ferdinand, um comparatista

A família de Saussure, quando do nascimento de Ferdinand, em 1857, já figurava no rol das famílias mais eminentes de Genebra. Vinda da região de Lorraine ainda no século XVI devido à intensa perseguição aos protestantes, a família instala-se permanentemente na cidade suíça em 1556. Segundo Joseph (2012), Antoine de Saussure, antepassado responsável pelo êxodo da família de solo francês, participou ativamente na

⁹ Para uma leitura mais detalhada dos três pontos de oposição entre os “dois Saussure”, reenvio ao texto de Testenoire (2014).

organização política e religiosa da Genebra de Calvino, tendo atuado, juntamente com o líder protestante, na fundação da Académie de Genève (atual Université de Genève) e do Collège da cidade, em funcionamento até hoje. Durante os séculos, a permanência em cargos importantes tanto da política como da economia local permitiu que os de Saussure compusessem a aristocracia genebrina.

Ferdinand não foi o primeiro grande nome da família. Seu bisavô, Horace-Bénédict, foi desbravador dos Alpes, tendo participado da primeira equipe a chegar ao cume do Mont Blanc, além de ter sido professor de filosofia na então Académie e um dos precursores da geologia. Seu tio-avô, Nicolas-Théodore, foi um estudioso da fisiologia vegetal e ocupou a cadeira de mineralogia e geologia na Académie. Seu pai, Henri, foi o primeiro da família a obter o título de doutor com uma tese sobre a biologia e o comportamento de vespas; como seu avô, foi também um explorador, tendo participado de diversas viagens às Américas e cofundado a Société de Géographie de Genève, foi também membro honorário da Entomological Society of London (cf. DE MAURO, 1967[2005]; JOSEPH, 2012).

É nesse ambiente de alta erudição que o pequeno Ferdinand desenvolve seu interesse pela investigação científica. Em seus anos iniciais, tem por mestre Adolphe Pictet, amigo da família e estudioso do indo-europeu, cuja obra *Origines indo-européennes: Essai de paléontologie Linguistique* (1859-1863) exerceu grande impacto sobre o jovem aprendiz. Aos catorze anos, em 1872, inspirado por Pictet e por seu avô materno, “um eminente amante das pesquisas etnológicas e etimológicas – sem método, mas cheio de ideias” e amante também “da construção de iates sob um princípio matemático”, escreve um ensaio em que propunha um “esboço de um sistema geral da linguagem” (SAUSSURE, 1903[1960], p. 16-17). Apesar dos arroubos universalizantes do jovem linguista, Boyd Davis, na apresentação do *Essai pour réduire les mots du grec, du latin e de l'allemand a un petit nombre de racine* (1872[1975]), destaca elementos que serão reconhecidos nos cursos de linguística como um apreço pela terminologia (como a renomeação – baseada na posição e não mais na cronologia – de duas classes de radicais), além das distinções do que chamou de *forme e signification*.

Ainda no *Gymnase de Genève* (equivalente ao Ensino Médio brasileiro), Saussure inicia, como autodidata, seus estudos de sânscrito através da gramática de Bopp, quando formula sua primeira hipótese sobre as sonantes nasais do indo-europeu. No ano letivo de 1875-76, Saussure frequenta as aulas dos cursos de química e física da Universidade de Genebra. No mesmo período, toma aulas particulares sobre linguística indo-europeia com Louis Morel e pede sua entrada na *Société de Linguistique de Paris*, que é aceita.

Em outubro de 1876, Saussure inicia seus estudos universitários em Leipzig, onde entra em contato com o alto persa, o eslavo, o lituano e o celta. O genebrino frequentou ainda o curso de George Curtius, importante filólogo e comparatista da época. Saussure acompanhara *in loco* – mas não tão de perto¹⁰ – as discussões sobre a nascente fonologia no período de sua formação acadêmica, que resultam na publicação de seu *Mémoire sur le système primitif de voyelles indo-européennes* (1879) e de sua tese *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit* (1880). Já no primeiro ano de sua estada, seu professor de persa

¹⁰ Como nos conta John Joseph (2012), apesar de frequentar os cursos de Brugmann e Osthoff, por exemplo, e manter boa relação com estes, Saussure não participava ativamente da vida acadêmica de Leipzig, preferindo se restringir à pequena comunidade de estudantes genebrinos lá existente.

antigo, Heinrich Hübschmann, indica ao jovem aluno um texto¹¹ de Karl Brugmann recém-publicado no periódico *Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik*, que tinha Georg Curtius como editor-chefe (SAUSSURE, 1903 [1960, p. 20-21]).

A tese apresentada no artigo de Brugmann de que havia sonantes nasais no indo-europeu estava sendo bem recebida no meio alemão, mas para Saussure “não parecia muito extraordinário ou novo” (*ibid.*, p. 21). Sobre a recepção do artigo por Saussure, seguimos a leitura de Joseph (2012), que aponta um duplo efeito em sua vida acadêmica. De um lado, Saussure sentira-se autor da ideia publicada pelo alemão, tendo feito anos antes um rascunho sobre o tema a ser enviado à *Société Linguistique de Paris*, mas desencorajado por seus professores, por não trazer nada de novo aos estudos comparatistas; de outro lado, ainda seguindo a leitura do biógrafo de Saussure, o jovem linguista que sempre teve em baixa conta o desenvolvimento da linguística em Genebra, via que em Leipzig havia “essa comunidade que reciclava um fato da fonologia do indo-europeu já há muito conhecido, talvez até mesmo óbvio, em uma descoberta de grande importância” (JOSEPH, 2012, p. 186).

Saussure, apesar da impressão inicial, desenvolve uma relação amistosa com Brugmann, frequentando inclusive algumas de suas aulas. O fantasma da autoria – e do plágio –, entretanto, persegue o genebrino a tal ponto que, no outono de 1877, este comunica a Brugmann que não mais frequentaria seu curso, pois o que o alemão trazia era muito próximo das descobertas que o próprio Saussure publicaria no *Mémoire* e, portanto, para evitar embaraços com relação à autoria de tais ideias, Saussure prefere se afastar do curso. Entretanto, mesmo com o afastamento e a preocupação de Saussure com a autoria, o *Mémoire* não foi bem recebido em território alemão, sofrendo inclusive críticas de plágio, sobretudo de Osthoff (JOSEPH, 2012, p. 242 ss).

Quanto ao conteúdo do *Mémoire* sobre as *nasalis sonans*, Marchesi (2009, p. 52) aponta o caráter original de Saussure em relação a Brugmann na forma como o jovem genebrino sustenta sua proposta. O que Marchesi assinala é o elemento abstrato, a partir de uma ideia ainda não formulada de sistema (interior da língua), de que o jovem linguista precisa supor para sustentar a equivalência entre α e N, ao passo que Brugmann se baseia na observação empírica do sânscrito para tal. Apesar da má recepção de seu *mémoire* na Alemanha, este foi responsável pela rápida fama do jovem linguista ao mudar-se para Paris, anos mais tarde.

Entre a publicação de seu *mémoire* e a defesa da tese, o genebrino passa cerca de cinco meses (de novembro de 1878 a abril de 1879) em Berlim, estudando, sobretudo, sânscrito e celta com os professores Hermann Oldenberg e Heinrich Zimmer, este último, tradutor para o alemão da gramática de sânscrito que estava sendo redigida pelo linguista americano William D. Whitney, nome que terá grande influência para Saussure no futuro.

¹¹ Brugmann, Karl (1876), „Zur Geschichte der stammabstufenden Declinationen, Erste Abhandlung: Die Nomina auf -ar- und -tar-“, *Studien*, 9: 361–406. É justamente este texto que causará a celeuma entre o renomado Curtius e o recém-doutor e recém-coeditor da revista, Brugmann. Curtius deixa seu aluno encarregado da publicação do número 9 de seu periódico e este publica um artigo de própria autoria sem o aval do mestre. Tanto o ato de Brugmann quanto o conteúdo do texto desagradam Curtius, que o retira do corpo editorial do periódico. Brugmann então funda sua própria revista, *Morphologische Untersuchungen*, em parceria com Osthoff. É no prefácio do primeiro número da nova revista que surge o termo cunhado por Brugmann, *junggrammatische Richtung*, a ordem neogramática (JOSEPH, 2012 p. 225) que consistia substancialmente em estabelecer leis fonéticas gerais, um passo que Curtius hesitava dar.

Segundo Joseph (2012, p. 260), a escolha do tema da tese, diametralmente oposto ao do *mémoire*, deu-se possivelmente pela grande repercussão deste. Enquanto o *mémoire* “era um estudo fonológico de vasto escopo comparativo, com o objetivo de reconstruir o sistema vocálico inteiro da protolíngua, a nova tese seria uma investigação morfológica e sintática de uma construção peculiar de uma única língua”. A investigação sobre o genitivo absoluto no sânscrito, apesar de bem avaliada por seus pares, não superou a genialidade de seu estudo anterior. Saussure defende sua tese de doutorado em fevereiro de 1880 e, no mês seguinte, deixa Leipzig.

Após alguns meses com a família em Genebra, Saussure parte para uma viagem de cerca de um mês na Lituânia¹² (PETIT; QUIJANO, 2008, p. 135). A viagem rendeu a Saussure dois artigos publicados nos anos seguintes e numerosas páginas manuscritas de registro do lituano, material que lhe servirá de base, como supõe De Mauro (1967 [2005], p. 332), para os cursos de lituano que ministrará em Paris (1888-89) e Genebra (1901-02).

De Mauro, a partir do testemunho de três contemporâneos de Saussure, Bally, Favre e Muret, entrevê três aspectos importantes dessa viagem que dizem respeito à teorização linguística de Saussure. Para o italiano,

1) o lituano era importante por seu aspecto arcaico e, assim, na relação com o indo-europeu; 2) mais importante ainda é o fato de Saussure ter ido a campo; 3) dessa forma, sendo um dos primeiros a fazê-lo, ele cria um método que substitui a prova escrita pela prova falada, o estudo indireto pelo estudo direto da língua, ou seja, ele funda esse estudo sobre o testemunho falado, sobre a fala humana (*ibid.*, p. 332).

A observação de De Mauro nos aponta um movimento inovador de Saussure no seio da ciência linguística: a vinculação do empirismo (a própria viagem e as notas de campo no lugar da “prova escrita”) à escrita fonológica que, de alguma forma, já vinha sendo desenvolvida na Alemanha.

Já em Paris, após alguns meses frequentando os cursos da *École des Hautes Études*, Saussure é nomeado “maître de conférences de gothique et de vieux-haut allemand”, por indicação de Bréal, em 1881. Na nota biográfica de De Mauro (1967[2005], p. 338), lemos o comentário de M. Fleury, aluno de Saussure e editor dos *rapports* que Saussure elaborava de seus cursos, de que, no ano de 1885-6, como grande parte dos alunos já havia frequentado o curso do ano anterior, Saussure decide dedicar algumas aulas a generalidades sobre o método linguístico e a vida da linguagem.

As publicações de Saussure concentram-se majoritariamente em seu período parisiense. Além de seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1878) – que o tornou largamente conhecido entre seus pares – e sua tese *De l'emploi du genitif absolu en sanscrit* (1881), o mestre genebrino publicou cerca de cinquenta textos entre os anos de 1877 e 1912. Bouquet (1997, p. 64) diz que a maioria dessas publicações se restringiam a “trabalhos universitários obrigatórios”, sendo que a grande maioria dos artigos – curtos – eram exigência para o pertencimento à *Société*

¹² O interesse pelo lituano não era uma idiosincrasia saussuriana. No mesmo ano Leskien e Brugmann empreendem viagem semelhante ao pequeno país à época dividido entre a Prússia e o Império Russo.

Linguistique de Paris. A maior parte desse material publicado em vida foi reunido por Charles Bally e Léopold Gautier e lançado em 1921, com o nome de *Recueil de publication scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Nesses artigos, encontramos temáticas diversas, desde textos sobre sufixos latinos à acentuação do lituano, estudos sobre o grego, o sânscrito, o alto alemão, o prussiano antigo, o gótico.

Se contamos as sete páginas anuais publicadas, Tulio de Mauro (1967[2005]) nos faz notar que a frequência dessas publicações cai significativamente a partir de 1891, ano em que Saussure deixa Paris e suas funções de mestre de conferência na École des Hautes Études para assumir a cadeira de professor extraordinário de línguas indo-europeias criada na Universidade de Genebra.

É importante pontuar que Saussure já gozava de prestígio entre os linguistas. Quando de sua saída de Paris¹³, este é homenageado com a *Légion d'honneur*, a mais alta condecoração honorífica francesa. Na justificativa de atribuição do título, lemos que

O senhor de Saussure possuía já uma reputação bem estabelecida de linguista e de filólogo [...]. Ao nos deixar, ele carrega o pesar de todos seus colegas, e os senhores Michel Bréal e Gaston Paris, membros do Instituto, se fazem os intérpretes do pensamento unânime da École ao exprimir o desejo que o senhor de Saussure, por sua nomeação na Legião de Honra, carregue consigo a prova palpável de nossa estima e de nosso reconhecimento (FLEURY, 1965, p. 41-2 apud De Mauro 1967[2005, p. 342]).

Entre seu regresso a Genebra em 1891 e sua morte em 1913, como ainda nos conta De Mauro, o linguista genebrino assume diversos cursos na universidade suíça: línguas indo-europeias, sânscrito, fonologia do francês moderno, língua e literatura alemã, grego, latim, gótico, lituano, além dos três cursos de linguística geral que resultaram no CLG. Ao contrário de sua intensa atividade docente, suas participações em eventos acadêmicos, bem como suas publicações se rarefazem – de 1894 até sua morte, contam-se apenas nove publicações, versando sobretudo sobre o lituano, o latim e o indo-europeu, o mesmo ocorre com sua correspondência, cada vez mais rara e irregular.

Entretanto, é justamente nesse período de maior isolamento que Saussure empreende duas pesquisas de fôlego:

- i. a pesquisa sobre as lendas germânicas que, desenvolvida entre 1903 e 1910, resultou em 814 folhas manuscritas (TURPIN, 2003, p. 352) em que analisava as variações nas diversas versões dessas lendas dos Nibelungen visando, num primeiro momento, reconstituir uma suposta história real, origem das lendas, mas que acaba por contribuir de forma significativa para a constituição de uma semiologia, uma ciência geral dos signos, na medida que funcionamentos comuns entre os sistemas linguístico e lendário foram verificados (cf. HENRIQUES, 2019).

¹³ Mounin (1968) sugere que seu retorno a Genebra tenha relação com a impossibilidade de suceder M. Bréal no Collège de France que, à época, requisitava que Saussure obtivesse a nacionalidade francesa, o que o genebrino recusou. De Mauro (1967[2005, p. 342]) cita E. Favre (F. d. S. 33-34): “‘ele poderia suceder a M. Bréal no Collège de France se se tornasse francês’ mas ‘esse intelectual permaneceria bem genebrino e bem patriota’ e é por isso que retorna a Genebra””.

- ii. e a pesquisa com os anagramas, empreendida entre 1906 e 1909 e registrada em cerca de 140 cadernos, em que se depara, como dito anteriormente, com o real da língua, aquilo que, da ordem dela própria, a excede (cf. TESTENOIRE, 2013; SOUZA, 2018).

Do período genebrino também encontramos três conferências na Universidade de Genebra (1891), os manuscritos intitulados *Sobre a essência dupla da linguagem* (1891), o esboço de um livro de linguística geral (1893-4), notas para um artigo sobre Whitney (1894), além de notas esparsas, todos publicados nos *Escritos de linguística geral*, editado por S. Bouquet e R. Engler e lançado pela Gallimard em 2002. Esse conjunto de textos sobre linguística geral nos oferece um material importante para ser trabalhado paralelamente ao CLG.

Como tratado na primeira seção deste perfil, os escritos de linguística geral possibilitam uma leitura mais ampla do que aquela feita durante o estruturalismo francês sobre os axiomas saussurianos. Nesse conjunto de manuscritos, vê-se um papel mais preponderante do significante que propriamente do signo, a influência do pensamento de Whitney quanto à arbitrariedade e a natureza da língua e o papel central do sujeito falante para a compreensão do funcionamento do sistema linguístico.

Em 1911, Saussure lecionava, além do terceiro ano do curso de linguística geral, sânscrito, etimologia grega e latina, e um curso breve de leitura de textos em alto alemão antigo, quando foi acometido por uma enfermidade na garganta que lhe dificultou a fala, resultando em seu afastamento da universidade. A cada semestre, Saussure tentava seu retorno às aulas, mas as ordens médicas eram cada vez mais rigorosas, o que lhe impossibilitou o retorno. Saussure morreu em 22 de fevereiro de 1913, no Château de Vufflens, propriedade em que a família passava suas férias nos arredores de Genebra.

Construir um perfil de um autor é produzir uma leitura, inscrever-se numa história de leituras sobre esse autor. Um perfil, portanto, não é neutro, mesmo aquele que se restrinja aos encadeamentos factuais. Encadear implica sempre e à revelia do encadeador (como nos mostraram os anagramas) algo que faça Um, algo que dê sentido à cadeia. O que é magnífico em autores (no sentido foucaultiano do termo) que instauram novas discursividades, como é o caso do autor ora perfilado, é que a cada retorno novos sentidos são produzidos. Ao produzir um “retorno à”, retorna-se sempre a um ponto de vazio que instaura um

perpétuo jogo [...] que consiste em dizer por um lado: isso aí estava, bastaria ler, tudo se encontra aí [...]; e, inversamente, não, não está nesta palavra aqui, nem naquela palavra ali, nenhuma das palavras visíveis e legíveis diz do que se trata agora, trata-se, antes do que é dito através das palavras, em seu espaçamento, na distância que as separa. Resulta que, naturalmente, esse retorno, que faz parte do próprio discurso, não cessa de modificá-lo, que o retorno ao texto não é um suplemento histórico [...]; é um trabalho efetivo e necessário de transformação da própria discursividade (FOUCAULT, 1969 [2001], p. 284-285).

Nesse sentido, o que me moveu no exercício de produzir um *perfil* de Saussure não foi exatamente a produção de uma visada lateral deste tido como o pai da linguística, ou produzir os contornos para que se compreendesse a visão de um conjunto ou ainda a descrição dos traços básicos de uma pessoa – todas essas, note-se, acepções dicionarizadas do termo. A acepção de *perfil* adotada neste texto vem da arquitetura e designa uma *secção perpendicular de um edifício, para melhor se ver sua disposição interior*. Em outras palavras, este perfil se pretende como um corte que almeja produzir como efeito no leitor um convite à releitura, um retorno ao dentro do edifício saussuriano.

Bibliografia saussuriana básica

- BOUQUET, S. (org.) (2003) **Cahier L’Herne – Saussure**. Paris: Éd. L’Herne.
- CONSTANTIN, E. (1910-1911[2005]). “Linguistique générale, Cours de M. le Professeur de Saussure, 1910-1911”, in: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 58, Genebra: Droz, p. 83-290.
- DE MAURO, T. (1967[1972]) Notes biographique et critiques sur F. de Saussure. In: SAUSSURE, F. (1916[2005]). **Cours de linguistique générale**, edição de Charles Bally e Albert Sechehaye, Genebra : Payot.
- ENGLER, R. (1975). “European structuralism: Saussure”, in: SEBEOK, T. A. (org.), **Current trends in linguistics: historiography of linguistics**. v. 13, p. 829-886.
- GODEL, R. (1957[1969]). **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale**. Genebra: Droz.
- JOSEPH, J.E. (2012) **Saussure**. Oxford: Oxford University Press.
- SAUSSURE, F. de. (1872[1978]) “Essai pour reduire les mots du grec, du latin & de l’allemand a un petit nombre de racines”. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 32, Genebra: Droz, p. 73-101.
- _____. (1879[1921]). Mémoire sur le système primitif de voyelles indo-européennes. In: **Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Edição de Bally, C. e Gautier, L. Genebra: Payot.
- _____. (1880[1921]) De l’emploi du génitif absolu en sanscrit. In: **Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Edição de Bally, C. e Gautier, L. Genebra: Payot.
- _____. (1903[1960]) “Souvenirs de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses Études (BGE, Ms.fr. 3957/1)”, in: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 17, Genebra: Droz, 1960. pp. 12-25.
- _____. (1907[1996]). **Premier cours de linguistique générale**. D’après les cahiers d’Albert Riedlinger, edição de Eisuke Komatsu e George Wolf, Amsterdam: Elsevier.
- _____. (1908-1909[1997]). **Deuxième cours de linguistique générale. D’après les cahiers d’Albert Riedlinger et Charles Patois**, edição de Eisuke Komatsu e George Wolf, Amsterdam: Elsevier.
- _____. (1910-1911[1993]). **Troisième cours de linguistique générale. D’après les cahiers d’Émile Constantin**, edição de Eisuke Komatsu e Roy Harris, Amsterdam: Elsevier, 1993.
- _____. (1916[2005]). **Cours de linguistique générale**, edição de Charles Bally e Albert Sechehaye, Genebra : Payot.
- _____. (1916[1968]). **Cours de linguistique générale**. Tomo 1, edição crítica de R. Engler, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968.

- _____. (1916[2002]) **Curso de linguística geral**. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (orgs.), Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum (1970). São Paulo: Cultrix.
- _____. (1921). **Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Edição de Bally, C. e Gautier, L. Genebra: Payot.
- _____. (2002). **Écrits de linguistique générale**, edição de R. Engler e S. Bouquet. Paris: Gallimard.
- _____. (2011) **Science du langage – de la double essence du langage**. Edição dos *Écrits de linguistique générale* estabelecida por René Amacker. Genebra: Librairie Droz.
- _____. (2012) **Escritos de linguística geral**. edição de R. Engler e S. Bouquet, trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo, Cultrix.
- _____. (2013) **Une vie en lettres – Ferdinand de Saussure**, edição de C.M. QUIJANO. Nantes: Éd. Nouvelles Cécile Defaut.
- SOFIA, E. (2015) (ed.) **La ‘Collation Sechehaye’ du ‘Cours de Linguistique générale’ de Ferdinand de Saussure**. Edição, introdução e notas de Estanislao Sofia. Leuven, Paris, Bristol: Peeters.
- STAROBINSKI, J. (1971[1974]) **As palavras sob as palavras**. São Paulo: Ed. Perspectiva.

Referências

- BOUQUET, S. (1997) **Introduction à la lecture de Saussure**. Paris: Éd. Payot & Rivages.
- CALVET, L.-J. (1975) **Pour et contre Saussure – vers une linguistique sociale**. Paris : Payot.
- CHISS, J.-L. ; PUECH, C. (1994) « F. de Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique contemporaine ». In: **Langages**, 28e année, n°114, p. 41-53.
- FARACO, C.A. (2006) Apresentação. In: **O efeito Saussure – cem anos do Curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola, p. 7-24.
- FARACO, C.A. (org.) (2016) **O efeito Saussure – cem anos do Curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola.
- FIORIN; FLORES; BARBISAN (org.) (2013) **Saussure – a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto.
- FOUCAULT, M. (1966[2007]) **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes.
- GADET, F. (1987) **Saussure – une science de la langue**. Paris : Presses Universitaires de France.
- GADET, F. PÊCHEUX, M. (1981[2004]) **A língua inatingível – o discurso na história da linguística**. Campinas, SP: Pontes.
- LACAN, J. (1971-72[2011]) **Estou falando com as paredes**. Rio de Janeiro: Zahar ed.
- LOTRINGER, S. (org.) (1974) Les deux Saussure. Recherche – **Sémiotext(e)**, n. 16.
- MARCHESE, M.P. (2009) « Les manuscrits saussuriens sur la phonétique, du Mémoire au CLG ». In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 62. Genève:Droz.
- MEILLET, A. (1916) «Compte rendu du Cours de linguistique générale». **BSL**, 1916, t. XX, p. 32-36.
- MILNER, J.-C. (1978[2012]) **O amor da língua**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- MILNER, J.-C. (1994[2002]) « Retour à Saussure ». **Le périple structurale – figures et paradigme**. Paris : Éd. du Seuil, p. 15-43.

- MONTES, S.H. (2019) **Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas : uma relação entre a fala e a história**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.
- NORMAND, C. (2000) **Saussure**. Col. Figures du Savoir. Paris : Les Belles Lettres.
- PETIT, D. ; QUIJANO, C. (2008) “Du nouveau à propos du voyage de F. de Saussure en Lituanie”, *in: Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 61, Genebra: Droz, pp. 133-157.
- PUECH, C. (2000[2013]). “L’esprit de Saussure : réception et héritage (l’héritage linguistique saussurien : Paris contre Genève)”, *in: Les dossiers de HEL*, Paris, SHESL, n. 3.
- PUECH, C. (2005) “L’émergence de la notion de discours en France et les destins du saussurisme”. *In: Langages* (159), p. 93-110.
- SILVEIRA, E. (2007) **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- SOUZA, M.S. (2018) **Os anagramas de Saussure: um percurso pelo lado pitoresco das línguas**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia.
- STAROBINSKI, J. (1971[1974]) **As palavras sob as palavras – os anagramas de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Cultrix.
- TESTENOIRE, P.-Y. (2013). **Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes**, Limoges, Lambert Lucas.
- TRABANT, J. (2005) « Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs ? Notes item sur l’étymologie saussurienne ». *In: Langages*, 39e année, n°159. Linguistique et poétique du discours. À partir de Saussure. p. 111-124.
- TURPIN, (2003). Légendes et récits d’Europe du Nord: de Sigmund à Tristan. *In: Cahier L’Herne - Saussure*. Paris: Éd. L’Herne, p. 351-356.
- TURRA, B. (2020) “Edição e transmissão do no CLG”. **Todas as Letras** (no prelo).
- TURRA, B. (2018) **Ferdinand de Saussure e seu saber fazer com a escrita ou do que se circunscreve de um enigma**. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

Artigo recebido em: mai. de 2020.
Aprovado e revisado em: jun. de 2020.
Publicado em: julho de 2020.

Para citar este texto:

TURRA, Bruno Molina. Ferdinand de Saussure [Perfil biobibliográfico]. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Perfil Biobibliográfico, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 21, p. 291-302, jan.- jun. 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol21pagina291a302>